

# Memórias de Cordeiro

VAMIREH CHACON

As memórias são notoriamente perigosas, seja porque tendam à autojustificação, seja porque a própria memória falhe à medida que o tempo passa. No caso da autobiografia falada de Cordeiro de Farias, soma-se outra obra: o método da historiografia oral, sujeita ainda mais às flutuações mencionadas.

Cordeiro foi, ao mesmo tempo, um militar típico e um militar diferente.

Nasceu numa das guarnições do seu pai, um oficial pernambucano, na fronteira gaúcha. Exército e política iriam combinar-se, em vez de meramente alternar-se, ao longo da sua vida intensa. Ele mesmo reconhece, neste longo depoimento (*Meio Século de Combate*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981), concedido a Aspásia Camargo, da Fundação Getúlio Vargas, e editado pelo jornalista Walder de Góes: "Minha geração se tornou política porque a anterior já era política". A geração dos proclamadores da República.

A dele, Cordeiro, apenas prosseguia a crescente presença militar na política brasileira, no seu caso reagindo contra os "velhos arranjos da política oligárquica", mais uma vez abusando na eleição de Artur Bernardes, antipatizado pelas Forças Armadas por conta de cartas difamatórias contra a honra militar, tidas então por verdadeiras e só depois descobertas como falsas, fato estranhamente omitido por Cordeiro.

Numa época em que os comandos não dispunham ainda do controle de informações sobre seus subordinados e os civis, foi possível aos oficiais inferiores tanto conspirarem contra seus superiores, terminando por levantar-se de mão armada contra eles. Apesar de Cordeiro pretender que o movimento não fora "exclusivamente militar", os civis se limitaram na prática a coletar dinheiro para os tenentes e capitães revoltosos: Assis Chateaubriand de *O Jornal*, Irineu Marinho de *A Noite*, Edmundo Bittencourt do *Correio da Manhã* e Macedo Soares do *Diário Carioca*...

Para Cordeiro, a Coluna Prestes compensaria porque, "afinal, veio o voto secreto e se criou o Ministério do Trabalho, conquistas que, se pouco significam hoje, na época representavam muita coisa..."

Só que a ala radical do tenentismo — o próprio Prestes, Agildo Barata, Trifino Correia e outros — não se contentou com isto e quis ir adiante, fazendo inevitavelmente Cordeiro pensar que

Prestes sofrera uma mera lavagem cerebral na União Soviética...

O erro de Prestes fora outro, muito diferente. Se ele tivesse calado, sobre sua mudança de convicções em 1930 e aceitasse o oferecido comando revolucionário, a história seria hoje diferente... Mas a história não se faz com "ses" e ficou o erro de Prestes, muito diferente de Fidel Castro, que deixou para proclamar-se comunista após sua chegada ao poder.

O interregno de Cordeiro, comandando a artilharia divisionária da Força Expedicionária Brasileira na Itália, em plena Segunda Guerra Mundial, demonstra muito bem a grande capacidade militar profissional dele, um caso raro de militar e político duplamente competente.

Mas continua, ao longo da vida de Cordeiro, o fio da meada da ascensão dos militares na política brasileira, remontando à Proclamação da República, portanto muito antes do tenentismo de 1922 considerado por Odylio Denis, noutras recentes memórias, como o ponto de partida para a consumação do poder militar-tecnocrático após 1964, com os dilemas de hoje em dia.

Cordeiro elogia a capacidade técnica de Góis Monteiro e testemunha sua desambição política, confirmando como o descrevi, desde 1977 em *Estado e Povo no Brasil*, enquanto apenas outro elo da predominância do poder tecnomilitarizado em nosso país.

Getúlio Vargas ousou esquecer que tinham sido as Forças Armadas quem o pusera lá em cima, ao procurar desvencilhar-se desta tutela já em 1943, quando começou "a substituir todos os titulares de postos-chave por homens de sua estrita confiança pessoal". A aproximação de Vargas com os comunistas, na campanha continuista do "queremismo" anistiando Prestes e outros, foi o estopim. Confessa Cordeiro: "Durante as reuniões dos generais com Góis, eu aticei muito, dizendo que o Exército havia feito o Estado Novo (sic) e que o Estado Novo estava passando para as mãos dos inimigos tradicionais das Forças Armadas, isto é, os comunistas". Não é, pois, de surpreender o famigerado "Plano Cohen", pelo qual o depois General Olympio Mourão Filho passaria o resto da vida tentando transferir a responsabilidade da autoria, quando na realidade pouco importava aos militares que fosse verdadeiro, como no caso das cartas falsas de Artur Bernardes: "Se non e vero e bene trovato". Vieram ambos a calhar, para uma guerra psicológica do poder militar

que se ia cada vez mais tecnocratizando e assim se aprestando a liderar o Estado.

Cordeiro de Faria iria passar o fim da vida procurando desfazer o nó que ajudara a dar, embora sem o querer muito, nem prevenindo todas suas conseqüências, como se vê ao longo destas memórias ditadas.

"A situação estava claramente definida: era Getúlio de um lado e o Exército de outro. A nós, os mais ativos, cabia apenas jogar lenha na fogueira", reconhece Cordeiro, então com ingenuidade, a caminho de futuras decepções maiores.

Sucede que essa tecnocratização era e continua incompatível com eleições, seu maior obstáculo. Cordeiro preocupou-se ao ver Getúlio voltar consagrado nas urnas e cada vez mais decidido a um caminho próprio populista, indiferente ao que pensavam os militares e menos ainda a tecnocracia que ajudara a fundar, durante o Estado Novo, na Fundação Getúlio Vargas e no DASP. Por que? Talvez pela mesma desilusão com a insensibilidade política dos dois setores, que em seguida viria afetar até Cordeiro de Farias e outros tenentistas e pós-tenentistas nos dias atuais.

Morto Getúlio, o ascendente segmento militar-tecnocrático preferiu recorrer também ao populismo, embora por canais de direita, a Jânio Quadros como agora novamente. Só que escolheram o homem errado. Cordeiro atribui sua renúncia não a uma tentativa golpista, apesar de todas as evidências, e sim a uma mera instabilidade emocional.

Veio, enfim, o movimento de 31 de março de 1964.

Cordeiro revela: "Com raras exceções, a massa da oficialidade dormiu jangista no dia 31 de março e acordou revolucionária no dia 1º de abril". Vai adiante: "Os adesistas é que formaram a linha linha dura" (sic). É Cordeiro quem o diz, envolvido na paixão do tempo.

O feitiço virava contra o feitiço. É de novo Cordeiro de Farias quem afirma: "O grande líder político do Rio, Carlos Lacerda, foi esmagado pelo Exército".

Aí Cordeiro começa a descobrir o que acaba confessando ao receber o título de cidadão paulistano na Câmara Municipal de São Paulo: mesmo com os êxitos desenvolvimentistas industriais, após 1964, "na área social, apesar do esforço ultimamente feito, os resultados são muito menores, o que é, ao nosso ver, explicável, pois suas bases se assentam nas possibilidades financeiras do Estado. No campo político, os avanços têm sido medíocres... A meu ver aí a grande falha revolucionária."

Mas como? Nunca houve qualquer interesse de formar novas lideranças políticas, porque competiriam com o cada vez mais fortalecido "establishment". Cordeiro revela ter sido fundador tanto da ARENA quanto do MDB. Para que?

O MDB podia tudo, exceto ganhar eleições a não ser no simbólico oposicionismo de Chagas Freitas no Rio de Janeiro, e a ARENA ontem, como o PDS hoje, são partidos do poder e não no poder, levando Petrólio Portella a argumentar que o rodízio tinha de começar pela chegada da ARENA-PDS ao poder propriamente dito...

Cordeiro de Farias morreu imaginando que o Brasil, rumando a seu ver para potência econômica mundial, estaria vindo de estagnação das antigas matrizes, esquecido ou não, observando que o novo estágio do desenvolvimento hoje em dia é o de qualidade de vida, material e cultural inclusive política. A Argentina subiu outrora mais que nós hoje: sexta economia mundial, de lá caindo para o vigésimo lugar, ou pior, por conta da sua desarticulação institucional interna.

As últimas palavras de Cordeiro de Farias, nestas memórias, soam, mais do que nunca, como "wishful thinking", desejo remoto porque ele só enfrentou as urnas uma única vez, na eleição a Governador de Pernambuco, outros nem isto, faltando-lhes, portanto, o contato com a sociedade: "Não quero dizer com isso que eu seja um liberal à moda da Revolução Francesa. Não sou. O mundo hoje não comporta mais liberdades absolutas. No Brasil, sobretudo, o que precisamos é de uma direção ordenada para o desenvolvimento. Mas a ordem não precisa necessariamente ser imposta pelo Exército, e sim por um Executivo forte, fiscalizado por um Legislativo também forte. E que os presidentes saiam de composições políticas, amparados por forças militares unidas".

Cordeiro vai ao ponto de sonhar com um Ministério da Defesa coordenado pelo Exército, Marinha e Aeronáutica, e gosta de relembrar sua experiência, que achou positiva, da visão de civis dos Estados Unidos convocados até como generais, em suas especialidades de organização, nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Mas, para isto, conviria talvez revelado ao antigo marechal tenentista, que a Constituição daquele país proclama, há duzentos anos, a submissão militar ao poder civil. Já entre nós, os civis ministros de pastas militares — Calógeras, Raul Soares e Sagado Filho — não passam de exceções.

De qualquer modo, o itinerário humano de Cordeiro de Farias apresenta-se riquíssimo, uma vida que mereceu ser vivida, coroada pela morte quando chegava à conclusão: "Melhoramos, sim, mas o Exército cansou. O país também cansou. Chegou a hora de entregar o destino nacional aos civis, permitindo que o Exército volte às suas funções profissionais, recolhendo-se à normalidade, mas pronto para agir a pedido do Governo em caso de real necessidade".

Entre outras confissões mais ferinas...